

A TENSÃO HOMEM/CIDADE NO DISCURSO POÉTICO DE CESÁRIO VERDE E DRUMMOND

Valci Vieira dos Santos¹

RESUMO

O espaço urbano sempre exerceu fascínio sobre o homem. Escritores e poetas, das mais diferentes épocas e dos mais diferentes lugares, se debruçaram sobre esse espaço, a fim de desvendar-lhe alguns mistérios. Cesário Verde, poeta português e Carlos Drummond de Andrade, poeta brasileiro, são dois desses escritores que, através do discurso poético, procuraram discutir a tensão que o homem estabelece com a cidade.

Palavras-chave: homem, cidade, discurso, tensão.

ABSTRACT

The urban atmosphere has always exerted fascination on the human being. Writers and Poets, from a great variety of epochs and places, have bent over this atmosphere, in order to reveal some of its misteries. Cesário Verde, a portuguese poet and Carlos Drummond de Andrade, a brazilian poet, are two of this kind of writers that through the poetic speech aimed to discuss the tension established from the relationship between the human being and the city.

Key Words: human being, city, speech, tension.

Marx e Engels afirmam, em *A ideologia alemã*, que a “língua é a consciência real”. Bakhtin diz que a “consciência constitui um fato socio-ideológico”, pois a realidade da consciência é a linguagem (Apud FIORIN, 1988). Para os dois primeiros autores, a linguagem não se constitui num domínio autônomo, visto que se trata de expressão da vida real. É, portanto, um fenômeno complexo e que dá margem ao estudioso lançar-lhe olhares sob diversos aspectos: fisiológico, psíquico, social e físico, etc. A linguagem é, ademais, um instrumento que o homem usa para estabelecer contatos e interagir socialmente, uma vez que vive em sociedade e tem, dessa forma, necessidade de comunicar-se com seus pares, num processo de interlocução.

A linguagem concebida como uma atividade interativa que os homens utilizam para compartilhar suas idéias e opiniões e que, por outro lado, facultava-lhes a prática dos mais diferentes atos, acabou por despertar interesse de especialistas de diversas áreas do co-

¹Valci Vieira dos Santos é mestre em Literaturas de Língua Portuguesa, professor da UNEB e diretor acadêmico da FASB.

²Apud FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1988. p.35.

nhcimento, em particular a Lingüística Textual, para quem a linguagem passou a ser vista não somente como um processo de comunicação em si, mas também como meio de ação sobre as relações humanas.

Uma vez concebida a linguagem como atividade, a Análise do Discurso volta-se para o estabelecimento das relações existentes entre a língua e os seus usuários, levando em consideração as manifestações lingüísticas dos indivíduos, num determinado espaço e tempo, e a observação de certas intenções que carregam no bojo de seu discurso. Assim, a AD passa a considerar, também, a linguagem como forma de o homem inteirar-se socialmente e também como modo de expressão da intencionalidade.

Essa nova perspectiva de conceber o discurso como objeto cultural, ideológico, como lugar de interação entre o indivíduo e o seu universo, mas também de confrontos, tem angariado uma multiplicidade de adeptos, a exemplo da pesquisadora Eni P. Orlandi (2001), para quem “o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem” (p.15), além de “tornar possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (p.15). Trata-se, a bem da verdade, de visualizar o discurso a partir não somente do ponto de vista da transmissão de informação, mas sobretudo dos diversos sentidos que ele imprime ao texto, segundo as condições de cunho histórico, lingüístico e social que aparecem nas cenas enunciativas, consoante as condições de produção, portanto.

O certo é que, a linguagem, ao ser trabalhada, traz marcas plurais e mutáveis, passando pelas diversas instâncias do discurso, num processo de interação que o homem mantém com o seu semelhante. O saber discursivo se faz presente nas diversas áreas do conhecimento, e leva em conta os vários aspectos situacionais e retóricos – culturais, ideológicos, sociais, históricos etc., os quais, por seu turno, constituem a estrutura de funcionamento da linguagem.

Dentre as muitas áreas do saber humano, o campo da literatura é, certamente, um dos mais férteis para a instauração do ato interativo entre autor/leitor. Não são poucos os autores que têm escrito sobre a relação que o homem mantém com o espaço urbano. Nessa relação, tem sido discutido principalmente a tensão que o homem, ao longo da construção de sua história, vem demonstrando estabelecer com a cidade, principalmente pelo fato desta, às vezes, impor-lhe necessidades de ordem econômica, social, educacional etc., as quais nem sempre estiveram ao seu alcance, gerando, portanto, conflitos e desejos não satisfeitos.

Tanto a literatura brasileira quanto a portuguesa possuem grandes escritores que se sentiram atraídos por essa relação quase sempre conflituosa que o homem demonstra possuir com o espaço urbano. É como se um exercesse fascínio sobre o outro, desde quando se descobriram interdependentes.

Dois autores, grandes artesãos da palavra, foram escolhidos para a construção deste tecido. A proposta é, pois, refletirmos um pouco sobre a importância que a linguagem tem para as relações que

A tensão homem/cidade no discurso poético de Cesário Verde e Drummond

o homem estabelece com os seus pares e o seu meio, a partir da observação do texto literário e de seu universo aberto aos múltiplos olhares e leituras. Para tanto, de um lado, encontra-se um poeta português que viveu na segunda metade do século XIX, Cesário Verde. O grande poeta que transitou livremente entre o campo e a cidade; de outro, um dos grandes expoentes da produção poética brasileira, Carlos Drummond de Andrade.

O corpus selecionado para análise levou em conta temas ligados ao cotidiano urbano e se constitui de excertos dos poemas “O Sentimento dum Ocidental” e “Cristalizações”, do poeta português; e “Prece de mineiro no Rio”, do poeta brasileiro.

O presente estudo objetiva, pois, com base na reflexão de aspectos discursivos dos poemas selecionados, extrair elementos que corroborem o processo de produção dos textos literários e em que circunstâncias se deram tal feitura.

De início, detenhamos a atenção no poema intitulado O Sentimento dum Ocidental, publicado em 1880, numa homenagem que o poeta Cesário Verde fez ao tricentenário do autor de Os Lusíadas.

O poema encontra na capital portuguesa um cenário e uma personagem, simultaneamente. Trata-se do sujeito lírico que deambula pelas ruas da cidade afeito às descrições minuciosas dos lugares e ambientes. Preocupado com a vertente social de um espaço por intermédio do qual as pessoas se definem, passa a descrever cenas que compõem quadros marcados por imagens da vida burguesa cidadina e das massas trabalhadoras.

As estrofes que se seguem ilustram o sentimento do eu lírico, diante das múltiplas impressões sensoriais face às ruas familiares de Lisboa:

*Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.*

*O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.*

O discurso do sujeito poético, eivado de sentimentos denunciadores da soturna melancolia da cidade, revela-nos marcas que se opõem ao *status quo* vigente. É o discurso revelador de uma Lisboa da segunda metade do século XIX; um discurso que carrega em si o projeto de denunciar o desequilíbrio social dos habitantes de Lisboa: as expressões “desejo absurdo de sofrer”, “enjoa-me, perturba”, por exemplo, corroboram a visão que o poeta tem da cidade metamorfozeada pelo gás extravasado, pelos edifícios e chaminés, responsáveis também pela nova cor que os céus da cidade adquire, e que o remete ao céu cinzento de Londres, símbolo do capitalismo da época.

O contato do eu lírico com a realidade exterior que lhe salta

Valci Vieira dos Santos

aos olhos, fortemente marcada pelo uso dos verbos embrenhar, no verso “Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos”; errar, no verso “Ou erro pelo cais que se atacam botes”; sair, no verso “E saio. A noite pesa, esmaga. Nos/ Passeios de lajedo arrastam-se as impuras; ou, ainda, no verbo entrar, em “Entro na brasserie; às mesas de emigrados/ Ao riso e à crua luz joga-se o dominó”, se constitui num instrumento de denúncia que o poeta faz das mazelas de uma cidade, em que os diferentes tipos sociais ganham corpo e representam os contrastes do novo panorama social, político e económico: a Lisboa do último quartel do século XIX, tentando estar em sintonia com o ideal de desenvolvimento industrial, expansão comercial e cultural dos demais países europeus. Tais impressões são facilmente perceptíveis no discurso que se instala nos versos: “Ocorrem-me em revista, exposições, países: / Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!”

Os versos “Voltam os calafates, aos magotes, / De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos” trazem à tona, na voz do eu poético, sentimento de opressão, depressão, diante das novas figuras que passam a circular nas ruas de Lisboa, figuras estas que traduzem o quadro paradoxal que se vislumbra na nova realidade social. De um lado, “Casas de confeções e modas resplandecem”; de outro, “pede-me sempre esmola um homenzinho idoso”.

Assim, o eu lírico assume a posição do sujeito que protesta contra a civilização, numa explícita denúncia social, ao mesmo tempo que evoca experiências de repetidas deambulações pela “velha cidade” que o deprime e nauseia. Em “E em terra num tinido de louças e talheres/ Flameja, ao jantar, alguns hotéis da moda”, a expressão “hotéis da moda” ilustra a presença dessa “nova civilização”, ao passo que em

*E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.*

o vocábulo saudade demonstra o grau de sentimento do eu lírico diante de cenas que consegue visualizar à medida que deambula pela cidade.

A mesma voz denunciadora de “O Sentimento dum Ocidental” também se faz presente em “Cristalizações”, poema que, segundo o próprio autor, contém “versos agudos, gelados”. Com uma diferença: o sujeito lírico do poema, que assume o papel de um narrador, é um burguês que perambula pela cidade e tudo encontra “alegremente exacto”, até que se dá conta da dureza da vida dos calceteiros e dos trabalhadores de um modo geral. O contato com tal realidade exterior surpreende-o e fere-o, a ponto de denunciar a injustiça de que são vítimas as pessoas comuns da cidade grande.

O discurso de denúncia do sujeito poético é construído a partir das constantes referências sensoriais que vão sendo sentidas à medida que o poeta se depara com o que assiste e vê:

A tensão homem/cidade no discurso poético de Cesário Verde e Drummond

*Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha os calceteiros,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
Calçam de lado a lado a longa rua.*

Nota-se, inicialmente, a presença do tato: Faz frio; em seguida, em imensa claridade, a visão passa a relatar os diferentes quadros descritos pelo poeta, numa verdadeira tela impressionista: de cócoras, em linha os calceteiros/com lentidão, terrosos e grosseiros.

No sucedâneo de versos que compõem o poema, as demais referências sensoriais ganham espaço e dão o tom ao discurso marcado pela oposição entre pessoas simples e aquelas que representam a burguesia lisboeta, a exemplo dos versos “Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem; / Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura”, em que o olfato e gosto representam um anúncio dos quadros esboçados seguintes, representativos do discurso que demonstra a rudeza e a força dos trabalhadores, assim como a condição de subserviência tão bem descrita através das expressões “Homens de carga” e “as bestas vão curvadas!”:

*Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo.*

De outro lado, versos como “Donde ela vem! A atriz que tanto cumprimento/ E a quem, à noite na platéia, atraio/ Os olhos lisos como polimento/ Com seu rostinho estreito, friorento” fazem oposição à descrição dos trabalhadores dos versos anteriores, com suas “calosas mãos gretadas”, uma vez que o uso de adjetivação sugestiva, para demonstrar toda a fragilidade da atriz, “rostinho estreito, friorento”, acaba por valorizar as figuras dos homens que realmente controem o país. Nos versos seguintes, o discurso em defesa das figuras do povo, personagem coletiva, ilustram exatamente a impressão que o burguês passa a ter daquela gente simples que acaba por surpreendê-lo:

*Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas;
Lisgrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!*

Assim, na estrofe acima, destaca-se toda a empatia do sujeito da enunciação pelo Povo, figura coletiva que glorifica, num flagrante destaque pelas suas qualidades, que representa, simbólica e linearmente, num plano horizontal, que se opõe ao vertical, da altivez pretensiosa da figura que surge incontinenti: a da atriz.

Em última análise, encontra-se no bojo do discurso do poeta, um claro comentário social acerca das características de um e de outro

tipo social, numa flagrante crítica à sociedade, que se dá por intermédio de sensações captadas por ele, onde se exalta o povo em detrimento da classe burguesa, simbolizada na figura da atriz “impaciente sobre as botinhas de tacões agudos, pezinhos rápidos, de cabra.”

Uma vez dada por conclusa a reflexão em torno de aspectos discursivos em poemas de Cesário Verde, concentramos, a seguir, a nossa atenção em fragmentos do poema “Prece de mineiro do Rio”, de Carlos Drummond de Andrade, em que os discursos das realidades rural e urbana se evidenciam. Trata-se de dois poetas que, em tempos distintos, produzem um discurso para denunciar a nova tensão entre o homem e a cidade.

“Prece de mineiro no Rio” é um poema que faz parte do livro intitulado A Vida Passada a Limpo. O poeta se encontra na cidade do Rio de Janeiro, símbolo da confusão, e se sente sozinho, por isso pede a visita do “Espírito de Minas”. Ao pedir a presença do “Espírito de Minas”, o poeta invoca a cidade de Itabira, que representa a possibilidade de resgatar da memória as lembranças de sua infância, os gestos naturais, “mesmo brusco ou pesado.” Só esse “espírito mineiro, circunspecto” pode, talvez, conservar na alma do poeta “a metade do que fui (foi) de nascença”.

Há, portanto, na voz do poeta, não apenas uma invocação aos ventos de suas origens (conserva em mim ao menos a metade/ do que fui de nascença e a vida esgarça), mas uma prece, claramente demarcada pelo verso inicial: “Espírito de Minas, me visita”. É uma súplica de quem se acha “perdido” na cidade grande, ilustrada por expressões a exemplo de “voz e buzina se confundem” ou “não quero ser um móvel num imóvel.”

Nas expressões acima mencionadas, o jogo dos verbetes “voz”, “buzina”, “móvel”, “imóvel” marcam o tom do discurso que se quer denunciador do estado de espírito do sujeito poético, que às vezes se encontra entre “o real e o irreal”. E o fato de estar entre “o real e o irreal” acaba por criar nele um conflito, já que as lembranças de sua infância podem ser sufocadas pela dura realidade do Rio de Janeiro.

O discurso que perpassa todo o poema sob análise é, dessa forma, um discurso marcado por elementos saudosistas de sua terra natal, a exemplo da expressão “azulada serrania, onde galopam sombras e memórias”, presente nos versos seguintes:

*(...) Não te sinto
a soprar da azulada serrania
onde galopam sombras e memórias
de gente que, de humilde, era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.*

Por outro lado, o discurso do sujeito poético que denuncia o furto de memórias da infância, claramente flagrado pela confusão da cidade, também denuncia a falta de conhecimento dessas memórias, e por isso “os que zombam de ti não te conhecem”. Trata-se, portanto, de um discurso revelador de uma situação social, em que as imagens da infância do eu lírico se chocam com as da cidade grande. Por isso,

A tensão homem/cidade no discurso poético de Cesário Verde e Drummond

o sujeito-criador desse discurso questiona o sufocamento do seu “gesto natural”, do seu “discreto amor” pela dureza da realidade que se lhe afigura.

Mas o des(conserto) da condição de ser solitário é reforçado pelo mesmo expediente inicial, isto é, o uso de expressões, ao final do poema, que marcam uma cadência típica de preces: “Minas, Minas além do som, Minas Gerais.”

Como se depreende das reflexões que acabamos de fazer acerca dos poemas de Cesário Verde e Carlos Drummond de Andrade, a linguagem neles trabalhada revela-nos as diversas nuances que o sujeito poético utiliza na transmissão de sua mensagem, bem como o papel que assume a cada nova investida que faz no universo da comunicação.

Assim, acreditamos ser possível evidenciar a importância que o discurso tem no processo de interlocução, sobretudo quando o texto em questão é o literário, uma vez que a riqueza de sua construção possibilita ao leitor “viajar” nas artimanhas do eu lírico, tornando-se, quase sempre, um copartícipe dessa (des)construção.

A linguagem é, dessa forma, um instrumento a serviço do homem, voltada para a comunicação interativa. Por seu intermédio, os indivíduos estabelecem relações sociais, culturais, históricas, etc., e transcendem a sua própria experiência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

BARTHES, Roland. Da leitura. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeiras. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP.: Ed. da Unicamp, 1998. p.15-37.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do Discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, H. et al. (Org.) **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte, Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso Fale-UFMG, 1999. p. 27-43.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: introdução**. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Traduções Culturais, 1999.

ECO, Umberto. **Leitura do texto literário**. Lector in fabula. Trad. Mary Del Piori. Brasília: Ed. da UNB, 1984.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Moderna, 1982

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1994.

Valci Vieira dos Santos

- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 118-162.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP.: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MARI, Hugo et al. (Orgs.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges Ed., 1999.
- MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli et al. **Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.
- RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. Trad. Rachel Ramalhete. São Paulo: Editora 34, 1995.
- SITYA, Celestina V. Moraes. **A Linguística textual e a análise do discurso: uma abordagem inter-disciplinar**. Frederico Westphalen-RS: Ed. Dda URI, 1995.
- VERDE, Cesário. **O Livro de Cesário Verde**. Lisboa: Verbo, [19—].